

CAPÍTULO 6

O USO DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL PARA COMPREENSÃO DAS POSSIBILIDADES FORMATIVAS DE LICENCIANDOS EM FÍSICA EM ESPAÇO NÃO FORMAL

Data de submissão: 08/01/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Kalinka Walderea Almeida Meira

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Marcelo Gomes Germano

Orientador: Doutor em Educação e professor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Alexsandro Coelho Alencar

Coorientador: Doutor em Educação Matemática e professor da Universidade Regional do Cariri - URCA

RESUMO: A História Oficial, tradicionalmente consagrada pela interpretação de fatos com o auxílio exclusivo da documentação escrita e oficial, já a História Oral é utilizada como uma alternativa metodológica de capaz experiências de pessoas dispostas a compartilhar aspectos de suas vivências, sempre com o compromisso com o contexto social. Atualmente muitos estudos voltados para compreender os processos de formação inicial e continuada de professores têm motivado investimentos em teorização na metodologia de História Oral. Os procedimentos de entrevistas em

História Oral, transcorrem do código oral para o código escrito e envolvem etapas como gravação, transcrição, textualização, e consentimento ao direito autoral. A escolha do tema desse texto está diretamente ligada à aplicação da metodologia de História Oral em minha pesquisa, que investiga as contribuições de um Espaço Não Formal de Educação para a formação inicial de professores de Física. Nesse contexto, buscamos apresentar na perspectiva de alguns autores, como a História Oral vem sendo pensada e utilizada enquanto metodologia de pesquisa. Além disso, como utilizamos essa metodologia em nossa pesquisa, apontando possibilidades, escolhas, reflexões, dificuldades e contribuições. Acreditamos, portanto, que esse texto poderá ser uma referência para outros pesquisadores interessados em utilizar dessa metodologia, especialmente por considerá-la relevante apresentar os personagens, suas vivências, suas experiências, suas lutas e visões de mundo que apenas nos registros oficiais não seriam possíveis de serem percebidas.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia de História Oral, Ensino de Física, Espaço Não Formal.

ABSTRACT: Official History, traditionally consecrated by the interpretation of facts with the exclusive aid of written and official documentation, Oral History is used as a methodological alternative for the experiences of people willing to share aspects of their experiences, always with a commitment to the social context. Currently, many studies aimed at understanding the processes of initial and continuing teacher training have motivated investments in theorizing in the Oral History methodology. The interview procedures in Oral History proceed from the oral code to the written code and involve steps such as recording, transcription, textualization, and consent to copyright. The choice of the theme of this text is directly linked to the application of the Oral History methodology in my research, which investigates the contributions of a Non-Formal Education Space for the initial training of Physics teachers. In this context, we seek to present, from the perspective of some authors, how Oral History has been thought of and used as a research methodology. In addition, how we use this methodology in our research, pointing out possibilities, choices, reflections, difficulties, and contributions. We therefore believe that this text could be a reference for other researchers interested in using this methodology, especially because it is considered relevant to present the characters, their experiences, their struggles and worldviews that would not be possible to perceive in official records alone.

KEYWORDS: Oral History Methodology, Physics Teaching, Non-Formal Space.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar, de forma resumida, a metodologia de História Oral a partir da perspectiva de alguns autores, bem como compartilhar minha experiência ao utilizá-la em uma pesquisa de doutorado em andamento do programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba.

Metodologia da História Oral

Sobre lembranças e esquecimentos Halbwachs (1990) pronuncia ser a linguagem um dos elementos essenciais desses processos, pois unifica e aproxima em um mesmo espaço cultural e histórico, diferentes vivências e experiências. Entendendo assim a linguagem como instrumento socializador da memória, as experiências individuais da vida humana e/ou os episódios cotidianos vividos em comunidade são estímulos para o surgimento de lembranças e reminiscências.

Para Delgado (2009) a memória permeia o inconsciente do indivíduo através do convívio com o outro e com cultura, seja por livros, músicas, pinturas e outras formas de arte. O que permanece na memória do indivíduo está intrinsecamente ligado ao seu lugar no mundo, isso é, à sua posição no tempo e no espaço. Além disso, tempo e memória se fundem “em elementos de um único processo, são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento.” (p. 16). Dessa forma, a memória, em sua extensa potencialidade, transcende o tempo de vida individual, atualizando e tornando presente o passado, uma vez que retém, ainda que de

forma inconsciente ou oculta, a experiência vivida e os sentimentos preservados (p. 17).

Quanto a importância do conceito de memória Neves (1998, p. 218) explicita:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.

Ainda acerca da memória Matos e Senna (2011, p. 96) à entende

[...] como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não.

Contudo, como destaca Delgado (2009, p. 22), nesse nosso mundo veloz das mídias de comunicação, aqueles narradores que deixavam “fluir as palavras na tessitura de um enredo, incluindo lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos”, estão sendo cada dia mais e mais deixados de lado e a essa circunstância, a autora (2009, p. 22) comenta:

A comunidade acadêmica, preocupada com a transmissão das heranças do passado que possam servir como esteios para o futuro, tem buscado criar alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o que passou e o que ficou, possa se transformar no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas não mais perdido. A narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória.

Segundo Cury (2011, p. 153), o ato de narrar, é uma das mais antigas faculdades humanas, essencial tanto para a sobrevivência quanto para a transmissão e preservação de heranças identitárias e tradições. Esse ato se manifesta em registros orais ou escritos e se caracteriza, sobretudo, pelo movimento singular de contar e transmitir, por meio de palavras, as lembranças preservadas na memória longo do tempo.

Sob a perspectiva de Matos e Senna (2011, p. 97) a história narrada surge antes de se constituir “na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar, de maneira mais segura e perene, nosso passado.” De forma semelhante aos lugares de memória, as narrativas atuam como instrumentos cruciais na preservação e transmissão de heranças identitárias e tradições.

É então no ato de narrar as memórias individuais e coletivas que se encontram, se fundem e se constituem possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. Portanto, “tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade.”

A metodologia de história oral é uma maneira de fazer pesquisa de cunho testemunhal sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea, realizada através de entrevistas gravadas e como tal, permite a descrição de sentimentos, emoções, memórias, percepções e identidades ao longo de um curso de vida.

Sendo a História Oficial consagrada por interpretar os fatos com o auxílio exclusivo da documentação escrita e oficial, a história oral se apresenta como uma alternativa por captar experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vivência, mantendo um compromisso com o contexto social. Para Nakamura e Garnica (2018), a História Oral é “uma metodologia que vem se constituindo com a própria prática de pesquisar, num processo que tem se dado nas mais variadas atividades acadêmicas [...] por construir uma metodologia em trajetória.”

De acordo com estudos de Meihy (2005) a primeira experiência de história oral, como atividade organizada, surgiu depois da Segunda Guerra Mundial em 1948 ao ser lançado “The Oral History Project” na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos pelo professor Allan Nevins, por se combinar os avanços tecnológicos (gravação de sons, fotografias e outras formas de registros visuais e auditivos) com a necessidade de registrar experiências importantes vividas por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos promovidos pela guerra.

Em conformidade com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil e Fundação Getúlio Vargas CPDOC - FGV (2020), depois da ampliar a utilização de história oral na década de 1950 nos Estados Unidos, Europa e México, essa forma de registro conquistou também historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e jornalistas, sendo o jornalismo o principal responsável pelo avanço da história oral, pois a base desse meio de divulgação é o depoimento gravado.

Em 1967, nos Estados Unidos com a criação da “Oral History Association” que publicava anualmente a “Oral History Review”, incentivou-se enormemente a utilização da história oral e com isso, a proliferação de programas de história oral em muitas universidades, centros de pesquisa e instituições ligadas aos meios de comunicação.

No Brasil a utilização de história oral foi retardada pelo desdobramento do golpe militar em 1964 que reprimiu toda forma de expressão oral bem como sua divulgação e coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos, havendo um descompasso com o movimento que ocorria em outros países.

De acordo com estudos de Ferreira (1994) foi por volta de 1975 que as primeiras experiências sistemáticas no campo da história oral ocorreram no país, sendo essas promovidas por esforços motivados pela Fundação Ford que juntamente com o Centro de Pesquisa de Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, tentou, sem sucesso, estruturar uma organização ampla e de alcance nacional.

Contudo, num período em que depoimentos poderiam ser interpretados como declarações e sendo algo perigoso, não foi possível realizar projetos em que as narrativas pessoais e versões se tornassem comprometedoras ou no mínimo incômodas. Por conseguinte, apenas dois tipos de registro se viabilizaram: os estudos voltados ao passado remoto com níveis de desconexão do presente; e trabalhos sobre as elites instaladas no poder - a esses trabalhos não faltaram críticas ao CPDOC (Meihy, 1996).

Ainda conforme Meihy (2005), durante a década de 1980 a história oral no cenário brasileiro não apresentou grandes avanços nos programas das universidades porque a adequada metodologia a ser utilizada ainda não era bem compreendida. Contudo, museus, arquivos, grupos isolados e principalmente a academia manifestavam ansiedade na busca de entendimento para promover debates em torno da história oral. Por esse motivo, buscouse nas experiências norte-americanas, nos fundamentos dos pressupostos europeus, na nova esquerda inglesa, na nova história francesa, dinamizar a história oral brasileira e daí alguns pesquisadores passaram a utilizar a história oral e incorporá-la a novos objetos e temas de pesquisa.

No decorrer da década de 1990, a história oral no Brasil ganhou terreno, “tanto como disciplina, quanto metodologia de pesquisa, sendo reconhecida, institucionalizada e debatida em diversos encontros acadêmicos da área de história e ciências sociais” (Baraldi, 2003, p. 213). De acordo com Ferreira e Amado (2001), com a fundação da Associação Brasileira de História Oral em 1994 (principalmente pela publicação de seu boletim) e a criação da Associação Internacional de História Oral (IOHA) em 1996, estimulou-se ainda mais a discussão entre pesquisadores e praticantes de história oral e com isso sua metodologia foi consolidada no Brasil.

Seguindo as indicações de Meihy e Ribeiro (2011), nas pesquisas que se utilizem da metodologia de história oral, é essencial realizar um minucioso estudo prévio do percurso dos entrevistados ligado aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, será possível adentrar o universo do indivíduo através das entrevistas e depoimentos gravados. Além disso, se faz necessário também um estudo posterior que conduzirá o pesquisador à compreensão de fatos, possibilidades, dificuldades, posicionamentos, interpretações e relações sociais, apresentados pelos sujeitos investigados em suas narrativas, possibilitando desse modo que se estabeleça acesso a relação intersubjetiva do entrevistado com o mundo, com ele mesmo e com o outro.

O contributo da metodologia da história oral é dado, portanto, pelas possibilidades de compreensão de documentos e outras fontes de consulta associados aos depoimentos. Dessa maneira, é necessária uma coexistência de versões escrito/oral que permita acesso a uma significação de acontecimentos de mundo vivido, individualmente e em coletividade a partir da memória, pois “enquanto se obtém das fontes já existentes material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início.” (Alberti, V. *apud* Freitas, 2002, p. 90).

Como destaca Delgado (2009, p. 22), nesse nosso mundo veloz das mídias de comunicação, aqueles narradores que deixavam “fluir as palavras na tessitura de um enredo, incluindo lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos”, estão sendo cada dia mais e mais deixados de lado.

O significado das mensagens em história oral assume, portanto, um caráter essencial que deverá conduzir a uma melhor compreensão dos sentidos das narrativas. Concordamos com a perspectiva de Baraldi (2003, p. 218) ao afirmar que a consulta a fontes referenciais, sejam elas, orais ou escritas, não deve ser descuidada. No entanto, Baraldi e Garnica (2004, p. 3) ressaltam que esse cuidado não deva ser utilizado “nunca como forma de checar, de validação definitiva, de atribuir o carimbo da certeza, mas como forma de complementação, esclarecimento, compreensão de perspectivas e possibilidades”. Nesse sentido, Joutard (2002 *apud* Baraldi, 2003. p. 219) argumenta que tanto a documentação escrita quanto a memória são essenciais para a reconstituição do passado, uma vez que a história baseada apenas em recordações e lembranças é cientificamente carente. Contudo, aquela na qual a memória não está associada é fria, daí a importância de se juntar as duas.

A metodologia de história oral tem em sua base depoimentos que se constituem em documentos únicos e auxiliarem na reconstrução da memória de alguém ou de um grupo, devolve aos participantes da história um lugar fundamental por meio de suas versões dos acontecimentos. Ademais, estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como: tipos de entrevista e implicações dela para a pesquisa, como também as várias possibilidades de transcrição e textualização dos depoimentos.

Concordamos com Alencar (2019, p. 15) que a captação das narrativas, apresentadas por meio de textualizações produzidas a partir das transcrições das entrevistas gravadas, produzem registros que “se constituirão como fontes historiográficas intencionalmente produzidas que, junto a outras fontes, como as documentais, por exemplo, irão compor os dados para a produção de uma análise historiográfica do contexto estudado.”

Posto isso, compreendemos que em trabalho de história oral, a interpretação de documentos necessita de compreensão apropriada e deve estar em um diálogo evidente com as hipóteses da oralidade, pois como asseguram Meihy e Ribeiro, o pesquisador para uma “boa realização de qualquer projeto em história oral deve entender o delineamento cuidadoso do corpus documental a ser usado” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 78).

Estudos que revelem os personagens, suas vivencias, suas experiências, suas lutas e visões de mundo, adquirem um novo estatuto ao serem socializadas através da história oral. Essas narrativas devem ser transformadas em documentos que apresentam de maneira contextualizada uma versão da história dos conflitos, das contradições, da “dimensão viva e maleável da vida dos indivíduos imersos na história, sob a ótica contraditória destes, por meio de sua memória, sentimentos e percepção de si mesmos” (Baraldi, 2003, p. 216). Esse tipo de documentação revela aspectos que não seriam percebidos apenas nos registros oficiais e tornam-se essenciais para uma compreensão mais ampla e humana dos processos históricos.

CAMINHO METODOLÓGICO

Em nossa pesquisa qualitativa optamos pela metodologia de história oral que estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como: tipos de entrevista e implicações dela para a pesquisa, como também as várias possibilidades de transcrição e textualização dos depoimentos. Essa metodologia nos ajudou a apresentar memórias e experiências vividas por meio de narrativas das quais registros e documentos não permitiram. Atentos às indicações da metodologia, tomamos especial cuidado em todas as etapas constituintes da pesquisa: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

Sabendo que os procedimentos de entrevistas em história oral, transcorrem do oral para o escrito e envolvem: gravação, transcrição, textualização, e consentimento ao direito autoral. Seguimos por meio de normas jurídicas, elaboramos os termos de autorização e após a aprovação pelo Comitê de Ética, iniciamos o contato com os possíveis colaboradores. Os colaboradores entrevistados em nossa pesquisa foram ser ex-monitores que eram licenciandos em Física e participaram de atividades de popularização da ciência dentro de um museu de ciências e tecnologia em Campina Grande/PB.

Na fase de pré-entrevista, o delineamento cuidadoso do corpus documental nos serviu de fundação para a entrevista e posterior interpretação. Nessa fase, procuramos conhecer aspectos das vivências dos nossos colaboradores para conduzirmos a entrevista por novos caminhos e em algumas situações restringir possibilidades. Assim, não só realizamos o levantamento bibliográfico sobre a temática da pesquisa, mas também o delineamento do corpus documental.

Por meio do roteiro de entrevistas, buscamos motivar nos colaboradores lembranças que nos ajudassem a compreender suas escolhas, projeções profissionais, dificuldades, possibilidades formativas, e seu olhar para a constituição e funcionamento das atividades educativas desenvolvidas por eles e/ou por outros, durante sua atuação no museu de ciências.

Após o primeiro contato com os colaboradores, agendamos as entrevistas e esclarecemos os objetivos e metodologia da pesquisa como também as perguntas do

roteiro. Dessa maneira, eles puderam se organizar no sentido de estimular recordações e agrupar documentos relacionados. Realizamos vinte entrevistas individuais que gravamos com a permissão dos colaboradores, apenas uma entrevista foi realizada presencialmente. Apesar do nosso cuidado com a elaboração do roteiro das entrevistas, não necessariamente o percorriamo por completo, já que foi dada liberdade de fala aos colaboradores, sem quase nenhuma interrupção.

Depois de realizarmos as entrevistas, seguimos com a transposição do código oral para o escrito, ou seja, primeiramente realizamos as transcrições das entrevistas na íntegra e em seguida a textualização. Na metodologia de História Oral, a textualização é o processo que transforma o conteúdo das transcrições das entrevistas em um texto que vai além de uma simples reprodução da fala. Nesse processo, o depoente não é um simples objeto de estudo, mas um colaborador ativo, sendo consultado sempre que necessário para esclarecimentos complementares.

Para melhorar a fluidez da leitura e compreensão, adequamos o texto produzido às regras gramaticais e removemos partículas repetitivas, naturais do código oral. Além disso, quando necessário, considerando as indicações cronológicas e temáticas, reorganizamos a ordem de algumas passagens da fala dos colaboradores com especial cuidado para não excluir as particularidades que o caracterizam e sem modificar o sentido do que foi dito. Também realizamos pesquisas, sobre pessoas, lugares, instituições, eventos, significados de termos, conceitos e siglas que apareceram nas narrativas, essas informações apresentamos em notas de rodapé nas textualizações produzidas.

Após concluirmos as textualizações e seguindo as indicações de Meihy e Holanda (2013), enviamos os textos produzidos e as gravações das entrevistas aos colaboradores e lhes concedemos total liberdade para sugerirem acréscimos, alterações e dar significados ao texto produzido, de modo que, o que foi (re)escrito, seja considerado como seu. Caso o colaborador solicitasse algum reajuste no texto produzido pelo pesquisador, um novo texto era redigido, podendo esse ser reescrito, seguindo as sugestões dos entrevistados. Para dar legitimidade e autenticidade às textualizações, solicitamos aos colaboradores a tomada de ciência, através da revisão do texto final produzido e assinatura da carta de cessão de direitos autorais.

Por último, durante a etapa do pós-entrevista, produzimos um novo corpus documental que se caracteriza pelo olhar do pesquisador diante das declarações dos colaboradores, de outras fontes e dos objetivos da pesquisa que se encontram, se entrelaçam e se transformam em possíveis fontes para a construção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa qualitativa, a escolha pela metodologia de História Oral mostrou-se extremamente adequada. Através dela, foi possível trazer à tona memórias

e experiências vívidas por meio de narrativas que preencheram lacunas deixadas por registros e documentos tradicionais.

Contudo, como a pesquisa ainda está em andamento, optamos por não revelar, neste momento, os nomes dos colaboradores nem o museu onde desenvolveu suas atividades. Entretanto, na pesquisa que será apresentada para obtenção do título de doutora, incluiremos nas textualizações, sob a forma de monólogos, tanto os dados pessoais dos colaboradores quanto suas memórias, sentimentos e emoções. Essas narrativas evidenciam situações, possibilidades e desafios formativos, projeções profissionais, escolhas e as relações sociais decorrentes dessas escolhas. Além disso, apresentaremos suas percepções sobre a constituição e o funcionamento das atividades educativas e formativas realizadas no espaço de educação não formal, escolhido para esse estudo, tanto sob a própria ótica dos colaboradores entrevistados quanto a partir das interações com outros envolvidos.

Dessa forma, as fontes orais nos permitem acessar não apenas o relato sobre o que uma pessoa ou um grupo realizou, mas também seus desejos, o que acreditavam estar fazendo à época e como avaliam essas ações atualmente (Portelli, 1997, p. 31). Contudo, é fundamental abandonar a ideia de que por meio de uma entrevista se possa obter informações conclusivas ou esgotar um tema. O que conseguimos capturar é apenas uma fração do que os colaboradores entrevistados sabem e aquilo que são.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, A. C. **Vozes do Cariri:** monólogos e diálogos sobre a história da formação de professores de matemática no interior do Ceará. 2019. 346 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro/SP, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182230>>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- BARALDI, I. M. **Retrôdos da Educação Matemática na Região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 241 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102158/baraldi_im_dr_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- BARALDI, I. M.; GARNICA, A.V.M. A Formão de Professores de Matemática na Região de Bauru (SP) nas Décadas de 1960 e 1970: esboço de uma paisagem. **Anais...** VIII Encontro Nacional de Educação Matemática. Universidade Federal de Pernambuco PE, Recife, 2004. Disponível em: <<http://www.sbm.com.br/files/viii/pdf/07/CC13079405870.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- CPDOC – FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **FGV - Fundação Getúlio Vargas**, 2020. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 de abr. de 2021.
- CURY. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins.** 2011. 255 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/473199>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FERREIRA, M. M. (Org.) **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. A. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001. 277 p.

FREITAS, S. M. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte**: problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n.1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MEIHY, J. C. S. B. (Re)Introduzindo a história oral no Brasil. In: MEIHY, B. S. J. C (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. 342 p.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**, 5^a. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. (Re)Introduzindo a história oral no Brasil. In: MEIHY, B. S. J. C (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. 342 p.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral Como Fazer Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S.L.S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

NAKAMURA, M. E. F. P.; GARNICA, A. V. M. A História Oral e alguns percursos metodológicos para compreender aspectos de uma experiência educacional paulista: Os Vocacionais. In: XIV Encontro Nacional de História Oral, p. 14, 2018, Campinas/SP. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2018. Disponível em: <[http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA\(2018\).pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA(2018).pdf)>. Acesso em: 17 de mar. 2021.

NEVES, M. de S. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. **Revista do programa de estudos pós-graduados em História**, PUC-SP, n. 14, fev. 1997, p. 31.